

NOVA ROTULAGEM

NUTRICIONAL DE ALIMENTOS

O que levar em consideração na consulta pública da Anvisa

Por que há uma nova rotulagem nutricional?

A atual rotulagem nutricional de alimentos é incompleta, confusa e, em vários casos, enganosa. Além disso, o padrão alimentar dos brasileiros piorou nos últimos anos por conta do consumo excessivo de produtos ultraprocessados¹, o que favoreceu o aumento da obesidade no Brasil: 55,7% da população está com excesso de peso².

Em que momento estamos?

Em setembro de 2019, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) apresentou para consulta pública a nova proposta de rotulagem nutricional de alimentos para que sejam discutidas as normas que irão orientar as informações que deverão estar presentes nas embalagens. Após o término da consulta, será feita uma análise das contribuições e a Anvisa definirá o novo modelo.

Quem participa da discussão de atualização da rotulagem nutricional?

As propostas de mudanças estão sendo discutidas desde 2014, quando a Anvisa começou a debater alterações nos rótulos dos alimentos com órgãos do governo, setor produtivo, universidades, representantes da sociedade civil, como o Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), dentre outros.

Como e por que participar da consulta pública?

Um dos principais objetivos da atualização da rotulagem nutricional é facilitar a compreensão das informações nutricionais pelo consumidor para que seja possível fazer comparações entre produtos e reduzir situações que geram engano. Toda a população pode contribuir para o debate, opinando e sugerindo aprimoramentos à proposta apresentada pela Anvisa.

Quais são os pontos positivos e negativos da proposta?



A rotulagem nutricional passa a compreender toda declaração destinada a informar o consumidor sobre as propriedades nutricionais do alimento, que incluem a tabela nutricional, a rotulagem frontal e as alegações.



O prazo total para adequação será de 42 meses. **O período de 18 meses é mais do que suficiente para a adequação da norma**, considerando que as indústrias participam desse processo de discussão desde o seu início.



Inclusão dos açúcares adicionados (aqueles que não são naturais do alimento) entre as informações obrigatórias na tabela nutricional.



Declaração da informação nutricional na tabela por 100g ou 100ml para facilitar a comparação entre os produtos.



Manutenção das porções e valor diário na tabela nutricional pode gerar confusão.



Declaração de alto teor de gorduras saturadas, sódio e açúcar adicionado na parte da frente das embalagens dos produtos alimentícios.



Deixa de fora a declaração dos adoçantes - que, segundo estudos^{3,4}, podem causar diversas doenças.



Não considera o modelo de perfil de nutrientes da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde), que é baseado nas recomendações da Organização Mundial da Saúde para a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis e que identificaria mais alimentos não saudáveis.



Proíbe as alegações nutricionais referentes ao nutriente crítico que estiver presente no rótulo frontal.



A alegação nutricional **deveria ser proibida em alimentos que tenham a presença de qualquer um dos nutrientes críticos** da rotulagem frontal.



Não considera como um problema a comunicação direcionada ao público infantil (como personagens, desenhos e brindes) para produtos com rotulagem nutricional frontal.

Comparação entre as propostas de rotulagem nutricional frontal:

Proposta da Anvisa (Lupa)	Proposta do Idec (Triângulo)
	
Modelo ainda está sendo avaliado para ser adotado no Canadá.	Baseado no modelo utilizado no Chile desde 2016. Possui evidências científicas que comprovam a mudança de hábito e no entendimento da população após a implementação ⁵ .
Independente do número de nutrientes críticos presentes no produto, somente um selo é inserido.	Os alimentos embalados podem ter até três ícones, ou seja, quanto mais nutrientes críticos, mais símbolos podem aparecer.
Modelo semi-interpretativo.	Símbolo de advertência, que é o mais eficiente para auxiliar os consumidores a identificar produtos com alto conteúdo de nutrientes críticos ⁶ .
Sem estudos publicados que comprovem a superioridade em relação ao modelo de advertência.	Proposta testada com os consumidores brasileiros e que possui evidências científicas que comprovam suas vantagens em comparação aos outros modelos de rotulagem existentes ^{7,8,9} .

REFERÊNCIAS

1. OPAS. Alimentos e bebidas ultraprocessados na América Latina: tendências, efeito na obesidade e implicações para políticas públicas. Washington, DC: PAHO; 2015. Brasil. 3. Vigitel Brasil 2016: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2016. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2017.
2. Vigitel Brasil 2018: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2018. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2019.
3. Adoçantes artificiais. INCA, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/alimentacao/adocantes-artificiais/>>. Acesso em 24 de setembro de 2019.
4. Mullee A, Romaguera D, Pearson-Stuttard J et al. Association Between Soft Drink Consumption and Mortality in 10 European Countries. JAMA Intern Med 2019.
5. Correa T, Fierro C, Reyes M et al. Responses to the Chilean law of food labeling and advertising: exploring knowledge, perceptions and behaviors of mothers of young children. International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity 2019; 16(1):21.
6. Arrúa A, Machín L, Curutchet MR et al. Warnings as a directive front-of-pack nutrition labeling scheme: comparison with the Guideline Daily Amount and traffic-light systems. Public Health Nutrition 2017; 20(13): 2308-17.
7. KHANDPUR, N. et al. Are front-of-package warning labels more effective at communicating nutrition information than traffic-light labels? A randomized controlled experiment in a Brazilian sample. Nutrients, v. 10, n. 6, p. 688, 2018.
8. KHANDPUR, N. et al. Choosing a front-of-package warning label for Brazil: A randomized, controlled comparison of three different label designs. Food Research International, v. 121, p. 854-61, 2019.
9. SATO, P. M. et al. Consumers' opinions on warning labels on food packages: a qualitative study in Brazil. PLOS ONE, 2019.